



GUIA

INFORMATIVO SOBRE

ELEFANTES-DA-FLORESTA

EM ANGOLA



Ficha Técnica

Título

Guia Informativo sobre Elefantes-da-Floresta em Angola

Produção

Fundação Kissama

geral@fundacaokissama.co.ao

www.fundacaokissama.co.ao

Coordenação

Pedro Vaz Pinto e Vladimir Russo

Pesquisa e Textos

Isilda Cavaleca, Juelma dos Santos, Ninda Baptista e Sendi Baptista

Revisão

Ninda Baptista e Timóteo Júlio

Ilustrações

[Fernando Hugo Fernandes](#)

Layout

FHF - Tracilustra - fhf.tracilustra@gmail.com

Fotos

Juelma dos Santos (págs. 33, 35, 36 e 37), Timóteo Júlio (pág. 47) e Tresor Jorge (pág. 47)
Afonso Vaz Pinto (págs. 40 e 47) e Adobe Stock (págs. 5, 9, 29 e 44).

Tiragem

1.000

Impresso por

DAMER Gráficas, SA

Depósito Legal

0607/2025

ISBN

978-989-9844513

Julho 2025

Fundação Kissama. 2025. Guia Informativo sobre Elefantes-da-Floresta em Angola. Luanda, Angola. 48pp.

PROJECTO NZAU

GUIA

INFORMATIVO SOBRE

ELEFANTES-DA-FLORESTA

EM ANGOLA



Julho 2025



Elephant
Crisis
Fund

SAVE THE ELEPHANTS



Índice

Acrónimos	5
1. Introdução	7
1.1. Projecto Nzau – Conservação dos Elefantes-da-Floresta	7
1.2. Objectivo do Guia	8
2. Que espécies de elefantes existem?	9
2.1. Diferenças entre o elefante-da-floresta e o elefante-da-savana	12
2.2. Elefantes em Angola	14
2.3. Porquê proteger os elefantes?	15
2.3.1. Importância dos elefantes	16
2.3.2. Os elefantes estão a desaparecer	18
2.3.2.1. Débil ordenamento do território	19
2.3.2.2. Insegurança alimentar nas comunidades rurais	19
2.3.2.3. Destruição do habitat por actividades antrópicas	20
2.3.2.4. Fraca legislação e implementação da lei	21
2.3.2.5. Caça furtiva e tráfico de marfim	21
2.3.2.6. Desconhecimento e subvalorização da espécie	22
2.4. Conflito Homem-Elefante (HEC)	23
3. Compreender o comportamento dos elefantes	24
3.1. Cérebros grandes, memórias enormes	27
3.2. Corpos grandes, apetite maiores	29
3.3. Os sentidos dos elefantes	30
3.4. Sinais de um elefante irritado	31
3.5. Transformando o conflito em coexistência	33
3.5.1. Métodos de prevenção	33
3.5.2. Métodos de mitigação	37
3.6. Como agir na presença de elefantes?	39
Anexo – Legislação e Convenções relacionadas com o elefante em Angola	41
Bibliografia	45



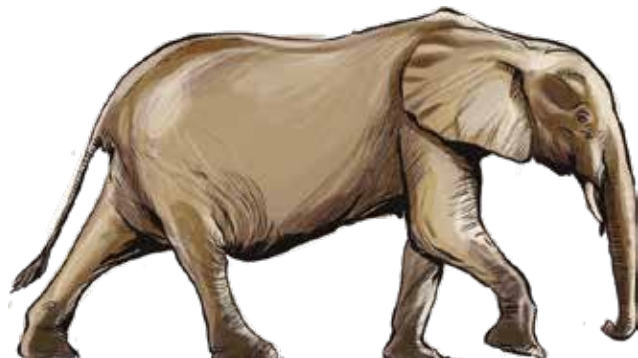
Acrónimos

CDB	– Convenção sobre a Diversidade Biológica
CITES	– Comércio Internacional da Fauna e Flora Selvagem Ameaçadas de Extinção (<i>Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora</i>)
CMS	– Convenção sobre a Conservação de Espécies Migratórias (<i>Convention on Migratory Species</i>)
CR	– Estatuto “Em perigo crítico” da UICN
EN	– Estatuto “Em perigo” da UICN
FAA	– Forças Armadas Angolanas
FK	– Fundação Kissama
HEC	– Conflito Homem-Elefante (<i>Human-Elephant Conflict</i>)
INBAC	– Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas de Conservação
LVEA	– Lista Vermelha de Espécies de Angola
UCF	– Unidade de Correção Fiscal
UICN	– União Internacional para a Conservação da Natureza
VU	– Estatuto “Vulnerável” da UICN

Elefante-da-floresta (*Loxodonta cyclotis*)



1. Introdução



INBAC
INSTITUTO NACIONAL DA BIODIVERSIDADE E ÁREAS DE CONSERVAÇÃO



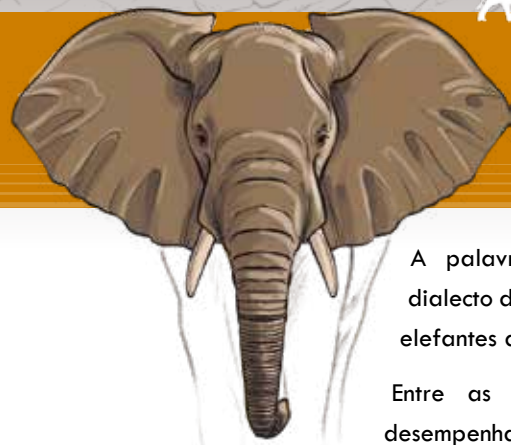
1.1. Projecto Nzau – Conservação dos Elefantes-da-Floresta



A Fundação Kissama (FK) foi fundada em 1995 para promover a protecção da biodiversidade em Angola. Entre as suas muitas actividades, destacam-se o Projecto de Conservação da Palanca Negra Gigante, o Projecto Kitabanga, o Projecto de Conservação do Morro do Moco e o Projecto Estórias para Conservar.



Desde 2019, a FK implementa também o Projecto Nzau, para a conservação dos elefantes-da-floresta (*Loxodonta cyclotis*) no noroeste de Angola, em parceria com o Ministério do Ambiente através do Instituto Nacional de Biodiversidade e Áreas de Conservação (INBAC), com o apoio das Forças Armadas Angolanas (FAA), e em colaboração com autoridades locais e parceiros internacionais. Este projecto pretende causar um impacto positivo significativo na protecção desta espécie criticamente em perigo ou ameaçada de extinção, através de investigação científica, monitorização da sua biologia no terreno, sensibilização das comunidades locais para evitar e mitigar conflitos, e apoio a instituições governamentais para informar medidas de protecção.



A palavra Nzau significa “elefante” em Ibinda, dialecto da província de Cabinda, fazendo alusão aos elefantes da Floresta do Maiombe.

Entre as actividades que o Projecto Nzau tem desempenhado, destacam-se:

- Mapear as áreas de ocorrência e rotas migratórias dos elefantes;
- Caracterizar geneticamente a população;
- Realizar inquéritos às populações que coabitam com a espécie para caracterizar o conflito homem-elefante (HEC);
- Registar e mapear ocorrências de HEC (mortes de elefantes e de pessoas, entrada de elefantes em lavras, etc.);
- Criar uma rede de guardiões dos elefantes – informadores locais nas províncias onde o elefante ocorre – para partilhar informações relevantes acerca da espécie.

1.2. Objectivo do Guia

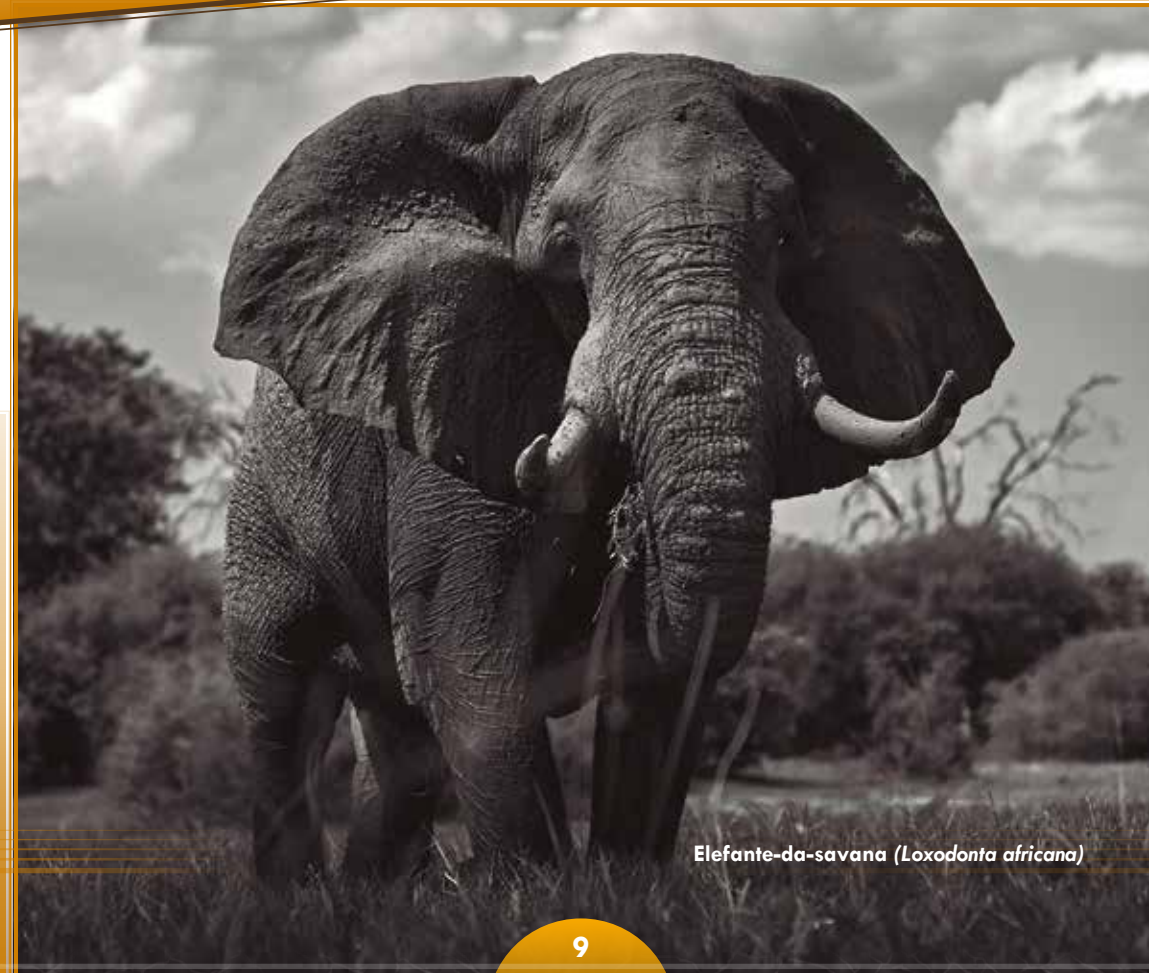
Este guia tem como principal objectivo sensibilizar a sociedade civil para a necessidade de proteger estes grandes mamíferos. Para este efeito, contém informações sobre os elefantes, a sua distribuição no mundo e em Angola, a sua importância, as ameaças que enfrentam, métodos de mitigação do conflito com os humanos, e como agir na sua presença. Apresenta também legislação relativa à protecção dos elefantes em Angola.



2. Que espécies de elefantes existem?

Ordem: Proboscidae
Família: Elephantidae
Género: *Loxodonta* e *Elephas*

Os elefantes são os maiores mamíferos terrestres do mundo. São animais carismáticos e extremamente inteligentes, e desempenham um papel fundamental na manutenção dos ecossistemas terrestres.



Elefante-da-savana (*Loxodonta africana*)



Existem três espécies de elefantes no mundo, listadas abaixo, com a sua respectiva distribuição. O elefante asiático difere dos elefantes africanos pelo seu menor tamanho, formato da cabeça e das orelhas. Na Tabela 1 constam algumas características e diferenças entre as três espécies de elefantes.

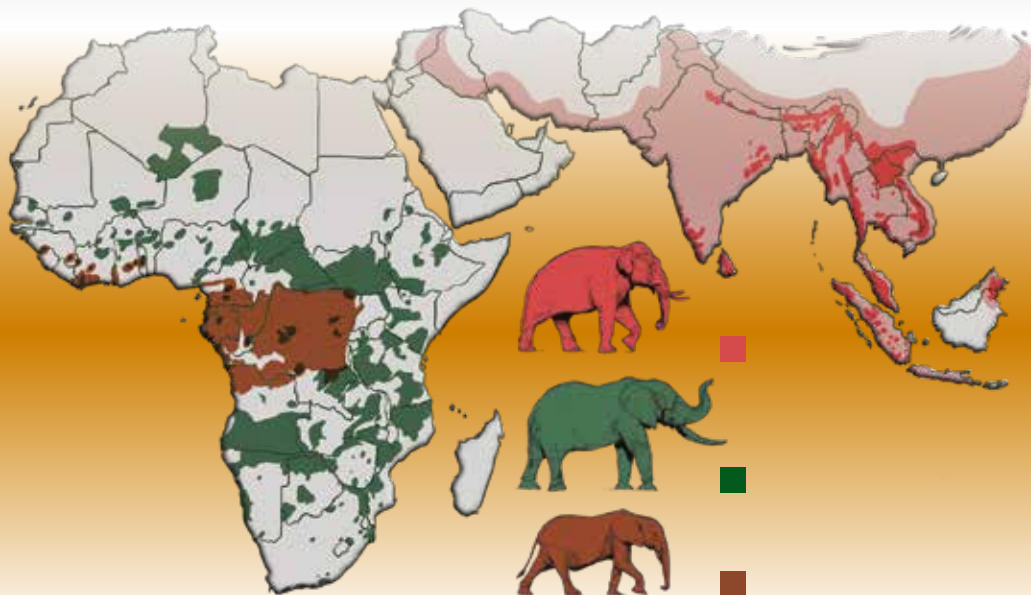
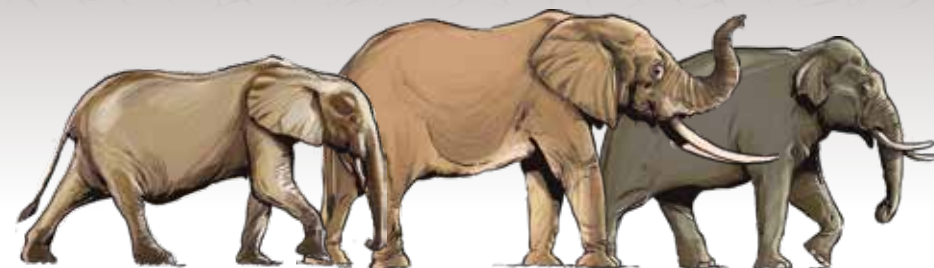


Tabela 1 - Diferenças morfológicas, habitat, e estatuto de conservação da IUCN das três espécies de elefantes existentes no mundo.

Espécie	Elefante-africano		Elefante-asiático
	Elefante-da-floresta	Elefante-da-savana	
Altura	Até 3 metros	Até 4 metros	Até 3 metros
Peso	Até 5 toneladas	Até 7 toneladas	Até 5 toneladas
Orelhas	Ovais, ligeiramente arredondadas	Pontiagudas	Arredondadas e relativamente pequenas
Marfins	Relativamente direitos, apontando para baixo. Até 1,5 metros	Curvos, a apontar para a frente. Até 2,5 metros	As fêmeas não possuem presas
Habitat	Florestas tropicais densas	Florestas, savanas e chanas	Florestas tropicais, pradarias, florestas decíduas húmidas e matagais
Estatuto da IUCN	Em perigo crítico (CR) CR	Em perigo (EN) EN	Em perigo (EN) EN



O elefante-da-floresta

(*Loxodonta cyclotis*):

Angola, Benim, Burkina Faso, Camarões, Congo, Costa do Marfim, Guiné Equatorial, Gabão, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Moçambique, Níger, Nigéria, Senegal, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Ruanda, Somália, Sudão do Sul, Serra Leoa e Sudão do Sul.

O elefante-da-savana

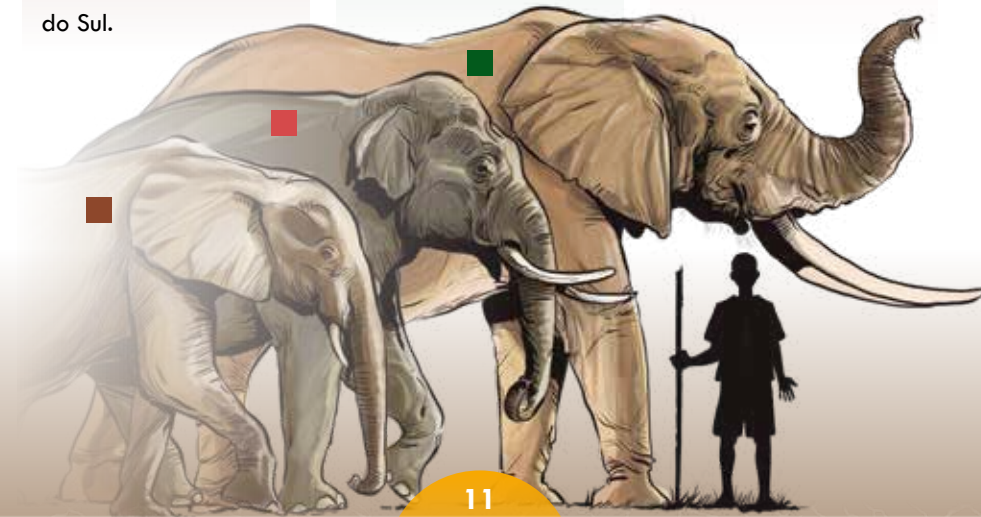
(*Loxodonta africana*):

África do Sul, Angola, Botswana, Camarões, Chade, Eritreia, Etiópia, Quênia, Malawi, Mali, Moçambique, Namíbia, Nigéria, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Ruanda, Somália, Sudão do Sul, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbabwe.

O elefante-asiático

(*Elephas maximus*):

Sudeste asiático, da Índia e Nepal até ao Bornéu, nos seguintes países: Bangladesh, Butão, Camboja, China, Índia, Indonésia, Malásia, Myanmar, Nepal, República Democrática Popular do Laos, Sri Lanka, Tailândia e Vietname.





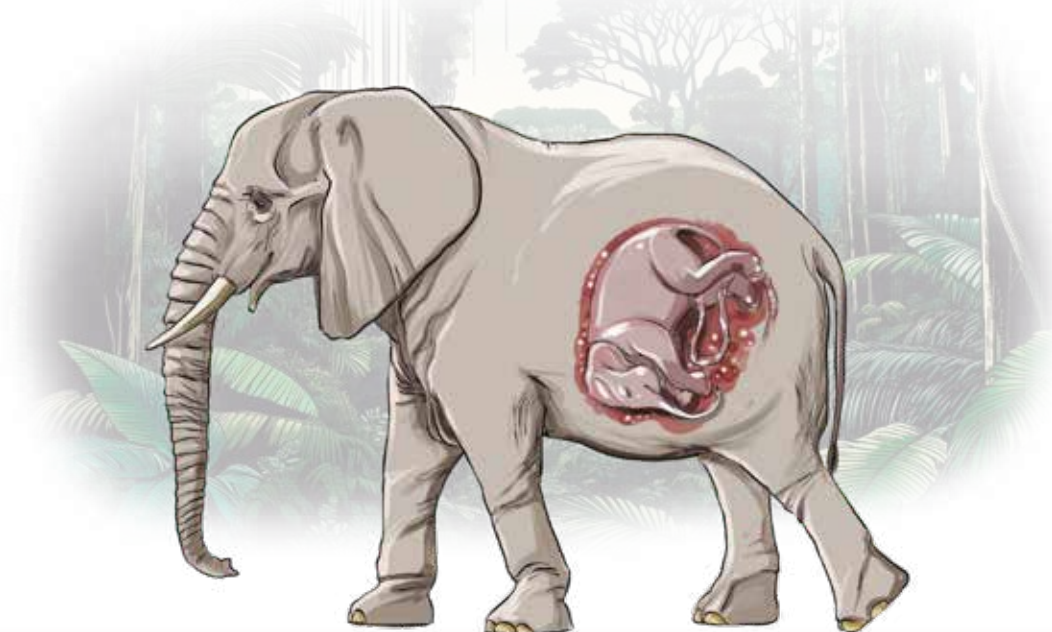
2.1. Diferenças entre o elefante-da-floresta e o elefante-da-savana

Até há pouco tempo, algumas fontes consideravam todos os elefantes de África como pertencentes a uma única espécie: o elefante-africano. Em 2021, a separação do elefante-africano em duas espécies distintas (elefante-da-floresta e elefante-da-savana) foi finalmente aceite, com base em diferenças significativas na sua biologia, morfologia, genética, que se reflectem também na sua distribuição.

Os elefantes-da-floresta alimentam-se principalmente de frutos, folhas, ramos, e cascas de árvores, e suplementam a sua dieta com minerais obtidos no solo. Já os elefantes-da-savana têm o capim como base da sua alimentação.



Os elefantes-da-floresta são menores do que os elefantes-da-savana, organizam-se em pequenos grupos familiares e utilizam áreas restritas, enquanto os elefantes-da-savana formam manadas muito numerosas e percorrem grandes distâncias. O período de gestação do elefante-da-floresta é de 24 meses – o mais longo de todo o reino animal, enquanto o da savana é de 22 meses. As fêmeas de elefante-da-floresta têm a primeira cria depois dos 15 anos de idade e ao longo da sua vida têm em média 7 crias. No caso do elefante-da-savana, a primeira cria pode nascer a partir dos 7 anos de idade, e a taxa de reprodução é cerca de duas vezes mais acelerada. Além disso, os elefantes-da-floresta ocorrem em menos países e numa área menos extensa.

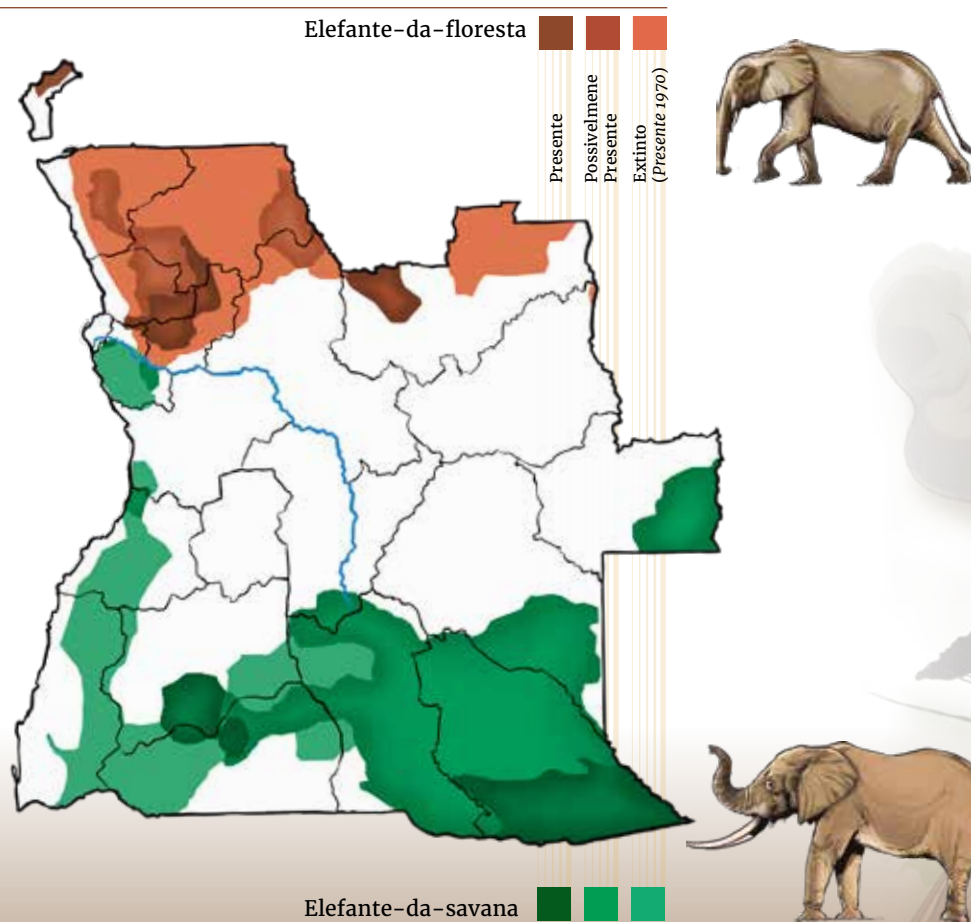


Por todos estes motivos, o elefante-da-floresta é muito menos resiliente do que o da savana, e enfrenta um risco de extinção muito maior. É a espécie de elefante mais ameaçada do mundo, estando classificada como em perigo crítico (Tabela 1). Por isso é urgente a sua protecção!



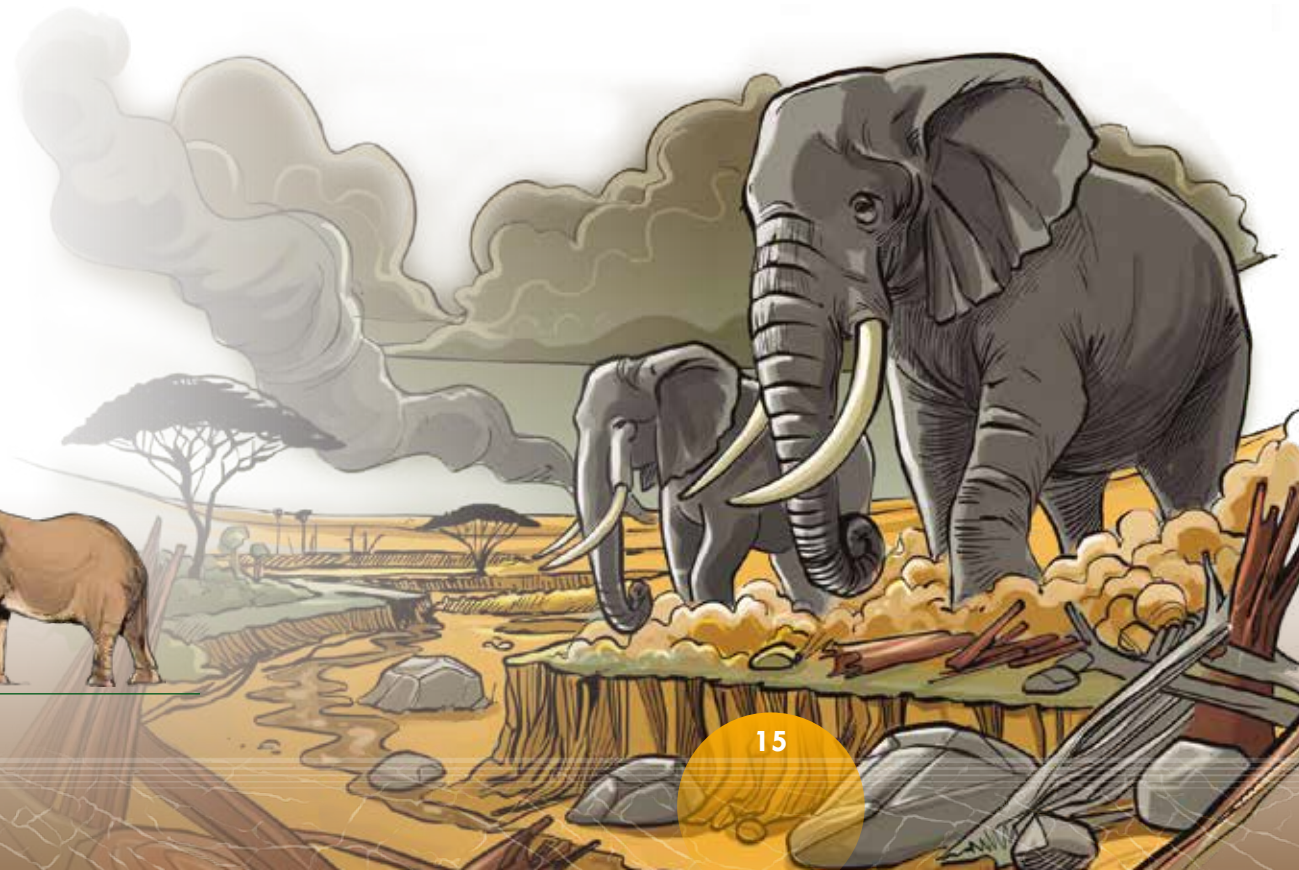
2.2. Elefantes em Angola

Angola é um dos poucos países onde ocorrem ambas as espécies de elefante africano (elefante-da-floresta e elefante-da-savana). Actualmente, os principais núcleos de elefante-da-savana no nosso país estão nas províncias do Cuando e da Huíla, e os principais núcleos de elefante-da-floresta encontram-se nas províncias de Cabinda, Bengo, Uíge e Cuanza-Norte. Estes representam o ponto mais a sul da distribuição da espécie em todo o continente, sendo por isso uma população única e importante.



2.3. Porquê proteger os elefantes?

Apesar de frequentemente serem vistos como um problema, e de muita gente considerar que a única forma de o contornar é abatendo-os, os elefantes são especiais, e devem ser protegidos por vários motivos. Entre eles estão as funções essenciais que desempenham na manutenção dos ecossistemas – de onde provém o oxigénio que respiramos – sendo também importantes na economia, tendo um grande potencial de gerar rendimento para o país atraindo turistas e assim contribuir para a diversificação da economia (Tabela 2). Os elefantes têm também um profundo valor cultural, sendo símbolos de força, sabedoria e poder, frequentemente retratados na arte, mitologia e tradições orais, importantes de manter para as gerações futuras. Além disso, são animais fascinantes, com uma inteligência, memória e sensibilidade extremas, e excepcionais entre todos os mamíferos. E por fim, como estão em risco crítico de extinção por actividades humanas, a sua sobrevivência depende de nós!





2.3.1. Importância dos elefantes

Os elefantes desempenham um papel fundamental na manutenção do equilíbrio dos ecossistemas terrestres, e têm também uma grande importância em aspectos culturais e económicos nos países em que ocorrem. Na Tabela 2 constam alguns exemplos.

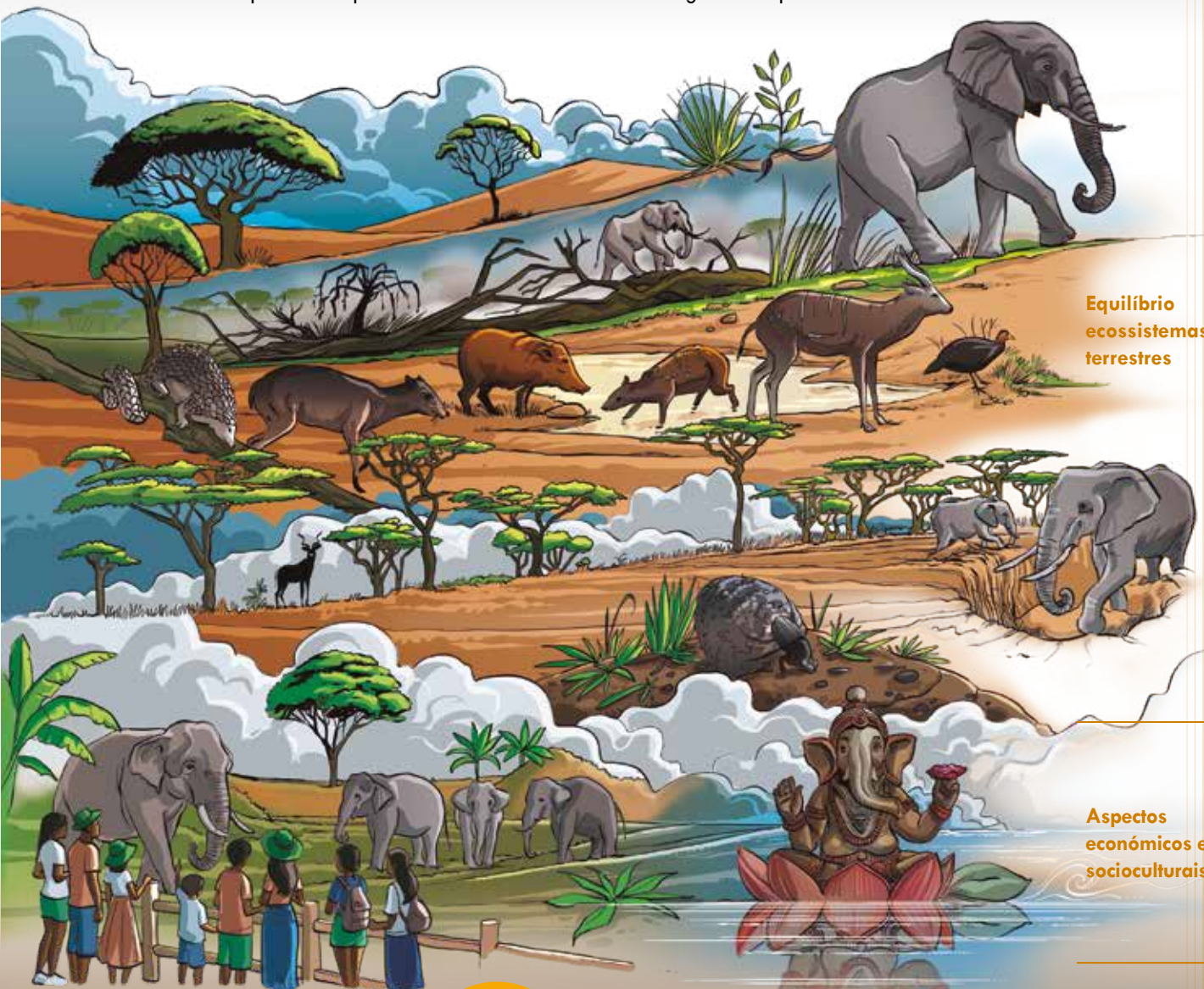


Tabela 2: Importância dos elefantes na natureza, cultura e economia.

Importância

Descrição

Os elefantes são considerados jardineiros das florestas e das savanas, porque podem comer grandes quantidades de frutos. As sementes passam pelos seus intestinos e depois de expelidas – às vezes a muitos quilómetros de distância – podem germinar uma nova planta. Este processo é conhecido como “dispersão de sementes” e desta forma os elefantes promovem a regeneração da vegetação, sendo assim cruciais para a preservação **das florestas, o pulmão do nosso planeta, vital para a nossa sobrevivência.**

Com a sua deslocação, os elefantes são capazes de modificar intensivamente o habitat, e mesmo em baixas densidades, podem causar efeitos significativos na vegetação. Estas alterações acontecem muitas vezes através da destruição de ramos e do derrube completo de árvores, alterando **a estrutura e composição da floresta.**

Os elefantes são facilitadores importantes para outras espécies, influenciando a densidade e a estrutura da floresta. Com o seu pisoteio, **abrem caminhos por entre a vegetação**, e podem beneficiar outros animais que se alimentam de folhagem, diminuindo a altura dos arbustos.

Os elefantes contribuem para um **aumento da biodiversidade**, uma vez que as clareiras na vegetação aumentam, e as árvores caídas oferecem um ambiente propício para várias espécies de pequeno porte.

A redução da densidade de árvores devido à presença de elefantes leva a mudanças no acesso a luz, água e espaço, **favorecendo o crescimento de árvores.** A longo prazo, essa mudança na estrutura da floresta e na composição de espécies promove o equilíbrio da biomassa acima do solo, e aumenta a capacidade de sequestro de carbono das florestas, **contribuindo para mitigar as alterações climáticas.**

Os elefantes prestam um grande serviço a ungulados e outros animais ao localizarem **pontos de água no subsolo** e os exporem depois de uma intensa escavação.

Os elefantes fornecem alimento para outras espécies, tendo um **papel importante na cadeia alimentar.** Por exemplo, o excremento do elefante é um recurso importante para um tipo específico de escaravelhos. Estes usam o excremento não só como alimento mas também como abrigo para as suas larvas. Estas, por sua vez, são alimento para outras espécies.

Em muitas culturas, principalmente na Ásia, os elefantes são considerados **símbolos de poder, força e sabedoria**, e estão bastante presentes na mitologia, lendas, fábulas, pinturas, etc.

Os elefantes contribuem para a **diversificação económica** dos países, através do ecoturismo, atraindo turistas interessados em ver estes majestosos e imponentes mamíferos.

Projectos de conservação de elefantes existentes pelo mundo dão **oportunidades de emprego às comunidades locais**, garantindo uma fonte de renda e auxiliando na sobrevivência das famílias.

Aspectos económicos e socioculturais



2.3.2. Os elefantes estão a desaparecer

Ao longo dos últimos 50 anos, a distribuição dos elefantes tem vindo a diminuir de forma alarmante por todo o mundo, devido principalmente à destruição do habitat, caça furtiva para comércio de marfim e consumo de carne, e conflito com as comunidades humanas.

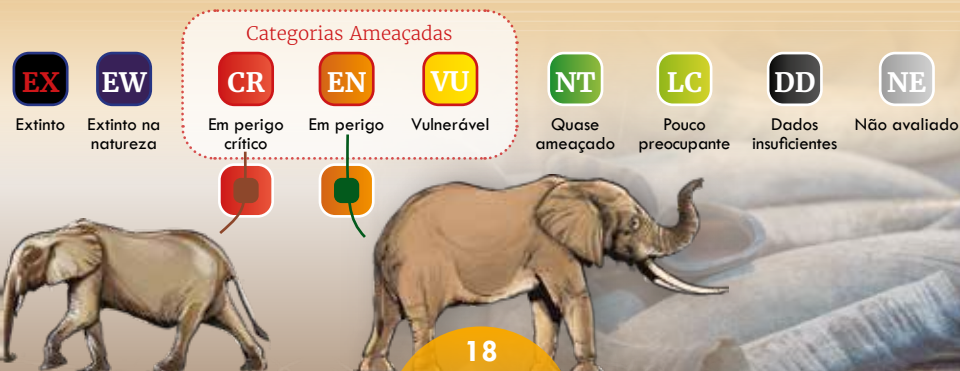
Na África Ocidental, os elefantes sofreram um massacre intenso por décadas, durante as quais o comércio internacional de marfim para a África, Europa, América do Norte e Ásia estava bem estabelecido.

Estima-se que há apenas cem anos existiam entre 5 e 10 milhões de elefantes-africanos. Este valor contrasta com os cerca de 600.000 estimados em 1992, e 450.000 em 2016, tendo continuado a diminuir até aos dias de hoje. Isto representa uma redução para menos de 5% em apenas oito décadas! Assim, o futuro dos elefantes-africanos está longe de estar garantido.

O estatuto de conservação do **elefante-de-floresta** é de **“Em perigo crítico” de extinção (CR)** e o **elefante-da-savana** tem a categoria **“Em perigo” (EN)**, de acordo com a Lista Vermelha da UICN.

Segundo a Lista Vermelha de Espécies de Angola (LVEA), ambas as espécies estão classificadas como vulneráveis. As principais ameaças aos elefantes em Angola estão relacionadas com o ordenamento do território, insegurança alimentar nas comunidades rurais, destruição do habitat por actividades humanas, fraca legislação e implementação da lei, caça furtiva e tráfico de marfim, falta de conhecimento sobre a espécie e de valorização da mesma.

Estatuto de Conservação da UICN



2.3.2.1 Débil ordenamento do território

O ordenamento do território define como cada parcela de terra deve ser usada – por exemplo, para habitação humana, actividades como agricultura, exploração florestal, zonas naturais, e áreas de conservação ambiental. O ordenamento do território em Angola é difuso, e não dá resposta ao crescimento populacional desordenado, levando as comunidades humanas a ocuparem áreas que sempre foram a distribuição natural do elefante. Isto leva à ocorrência de encontros entre ambas as espécies, e conflitos, que às vezes culminam em mortes de pessoas e de elefantes. Para evitar estas ocorrências, é essencial um ordenamento do território consistente, e implementado efectivamente, e a longo prazo.



2.3.2.2 Insegurança alimentar nas comunidades rurais

Grande parte da população rural de Angola tem falta de segurança alimentar, e acesso bastante limitado a energia, água e saúde. Esta elevada vulnerabilidade leva a uma dependência da exploração directa dos recursos naturais quer para fins de subsistência, quer para fontes de rendimento, com consequências graves para a fauna e flora locais.





2.3.2.3 Destruição do habitat por actividades antrópicas

O crescimento da população humana, a expansão das actividades agrícolas, o corte da floresta para produção de lenha e carvão, a exploração – legal e ilegal – de madeira e a extracção mineira têm levado à fragmentação, degradação ou destruição do habitat natural dos elefantes. Esta realidade é flagrante e tem aumentando em gravidade muito rapidamente em vastas áreas do noroeste de Angola. Isto limita o movimento dos elefantes, dificultando o seu acesso a alimentos, água, abrigo, e deixando-os bastante vulneráveis a encontros com as populações humanas.



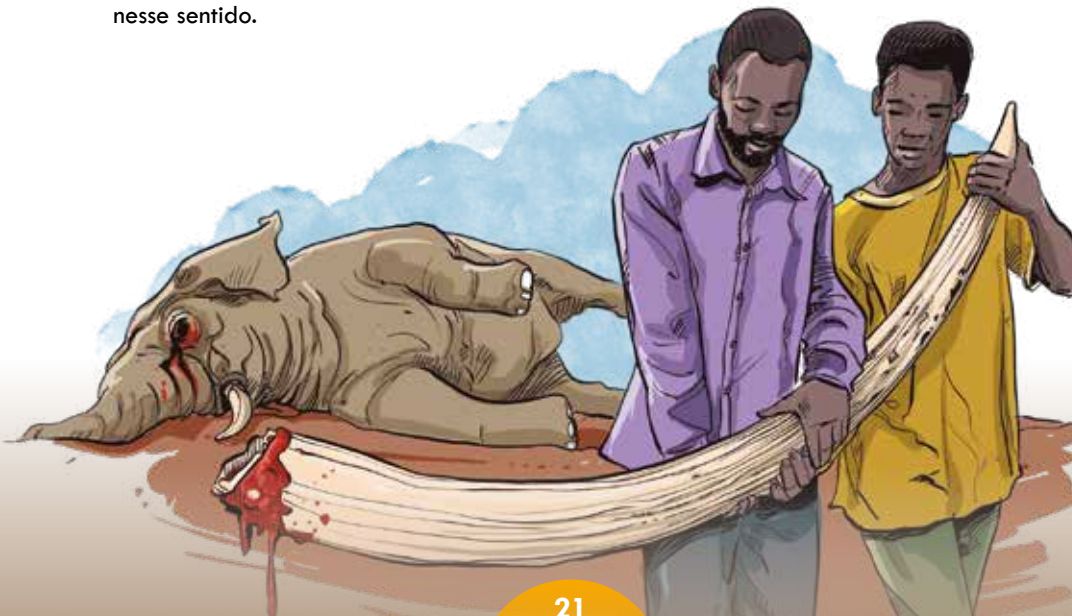
2.3.2.4 Fraca legislação e implementação da lei

Em Angola, a posse e a venda de marfim são proibidas, bem como comercializar ou comer carne de elefante. Matar elefantes é um crime ambiental punível com penas de até 5 anos. Apesar disso, todas estas actividades acontecem frequentemente sem intervenção das autoridades.

Apesar de Angola ter ratificado vários acordos e ter alguma legislação relativa à protecção do elefante (ver Anexo), ainda faltam regulamentações eficazes, e aplicação da legislação existente. É urgente desenvolver e implementar políticas que protejam efectivamente os elefantes, e que garantam a sua coexistência pacífica com as comunidades humanas que coabitam com a espécie.

2.3.2.5 Caça furtiva e tráfico de marfim

O comércio do marfim reduziu drasticamente o número de elefantes-africanos nas últimas décadas, e Angola é um bom exemplo desta triste realidade. Em 2014, Angola foi considerado como o segundo maior mercado ilegal de marfim de África, apenas depois da Nigéria. Em 2015, o Governo angolano desenvolveu o seu Plano de Acção Nacional para o Marfim, comprometeu-se a mudar esta realidade e tem feito esforços nesse sentido.





2.3.2.6 Desconhecimento e subvalorização da espécie

Ao contrário de vários países de África, incluindo vizinhos como a Namíbia e o Botswana, que protegem a sua vida selvagem, atraem turistas, e assim conseguem uma fonte de rendimento significativa, em Angola isto não se verifica.

A grande e impressionante diversidade da fauna e flora angolanas, com espécies únicas, é largamente desconhecida e subvalorizada pela sociedade civil e pelas entidades governamentais.

Criar essa consciência na sociedade é fundamental para que a esta riqueza passe a fazer parte do imaginário dos cidadãos. Só assim ela poderá ser valorizada, e passará a existir uma visão estratégica de conservação que poderá levar à sua protecção efectiva. Além disso, no contexto angolano, em que a população rural tem um elevado nível de pobreza, baixo acesso à educação, e tem a sua subsistência directamente dependente dos recursos naturais, as actividades de educação ambiental devem levar isto conta, e ser adaptadas à realidade de cada público.



2.4. Conflito Homem-Elefante (HEC)

A ocupação de habitats naturais por parte das pessoas faz com que os animais selvagens tenham as suas rotas de migração bloqueadas, e sejam forçados a circular em áreas habitadas por humanos em busca de alimento, água e espaço. Isto resulta em situações de conflito que por vezes culminam em mortes de pessoas, animais domésticos, e animais selvagens.

Em Angola, o elefante é a espécie mais citada nos conflitos entre pessoas e animais, com destaque para as províncias do Cuanza-Norte, Bengo, Uíge, e Cabinda para o elefante-da-floresta, e Huíla, Moxico, Moxico Leste, Cuando e Cubango para o elefante-da-savana. O conflito Homem-Elefante (*Human-Elephant Conflict – HEC*) afecta sobretudo a população rural, e é uma grande preocupação do Governo de Angola. Nas áreas de ocorrência do elefante-da-floresta, o HEC tem resultado em incidentes mortais para pessoas e para elefantes.

Entre 2018 e Abril de 2025, mais de 20 elefantes-da-floresta foram mortos em Angola, por caça furtiva (44%), atropelamentos (25%), e outras causas ou causas desconhecidas (31%), com o número de registos a aumentar gradualmente de ano para ano. No mesmo período foram registadas mortes de elefantes-da-floresta no Bengo (Pango Aluquém, Paredes, Quicunzo), Cuanza-Norte (Aldeia Nova, Bolongongo, Bula Atumba, Cambondo, Cerca, Dembos, Nzenza do Itombe, Terreiro), e Uíge (Ndambe Angola). Incidentes vitimando humanos foram registados no Bengo (Muxaluando, Pango Aluquém, Paredes e Quibaxe), Cabinda (Belize e Buco Zau), Cuanza-Norte (Cerca, Massangano, Terreiro), e Uíge (Ndambe Angola).

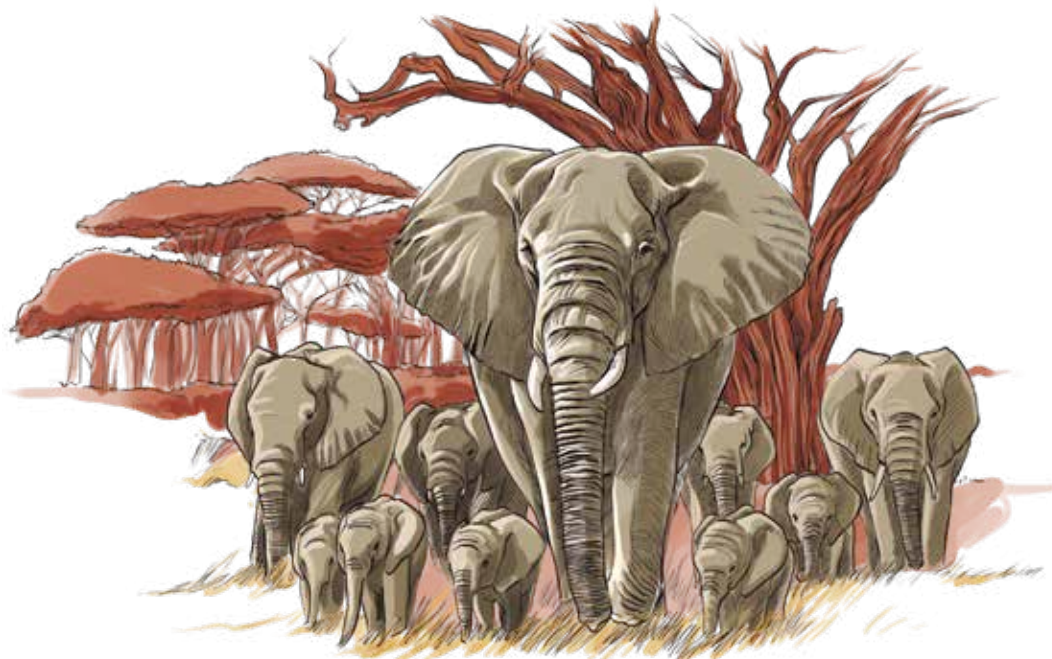
Para evitar mortes e proteger esta espécie criticamente ameaçada, é urgente implementar medidas que permitam a coexistência pacífica entre pessoas e elefantes. Isto requer que as pessoas conheçam a espécie, o seu comportamento, e estejam preparadas para gerir situações de conflito.





3. Compreender o comportamento dos elefantes

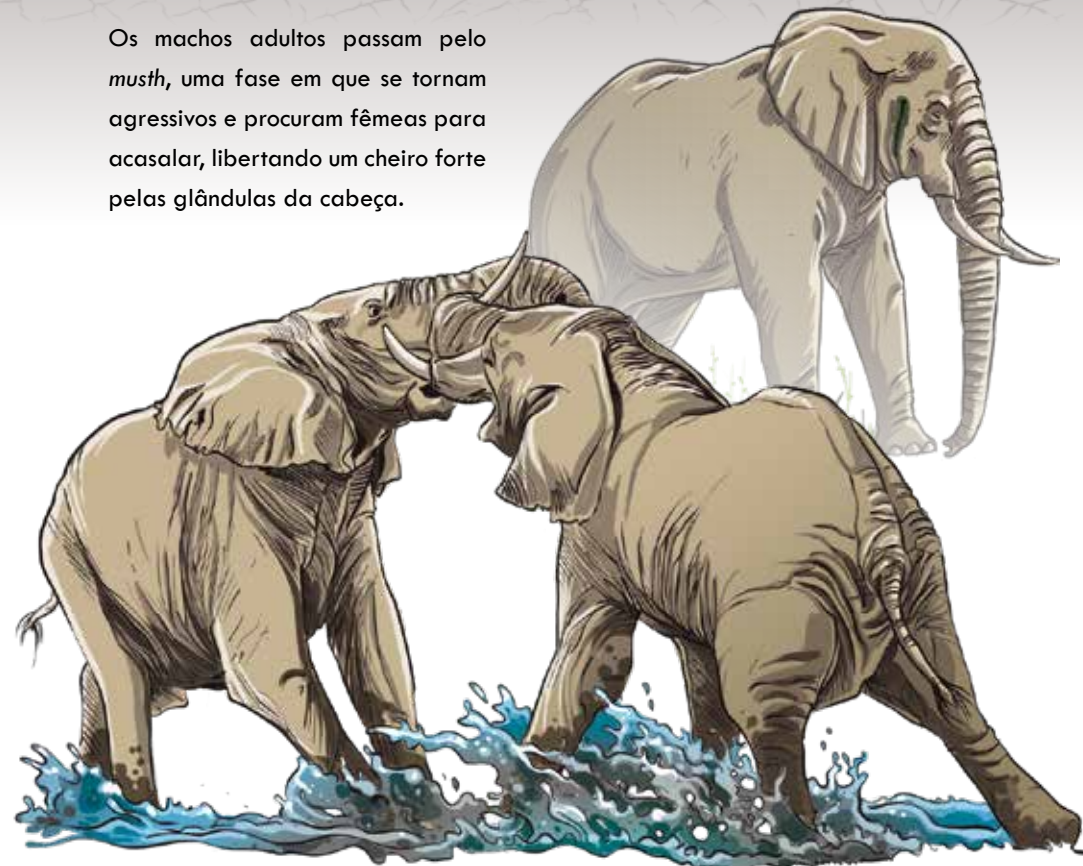
Os elefantes vivem em grupos familiares constituídos por fêmeas e crias, e liderados pela fêmea mais velha e experiente – a matriarca. Os laços sociais entre os membros destes grupos são muito fortes e duradouros, e são mantidos com comportamentos específicos, como tocar e acariciar as trombas uns dos outros, e emitir sons.



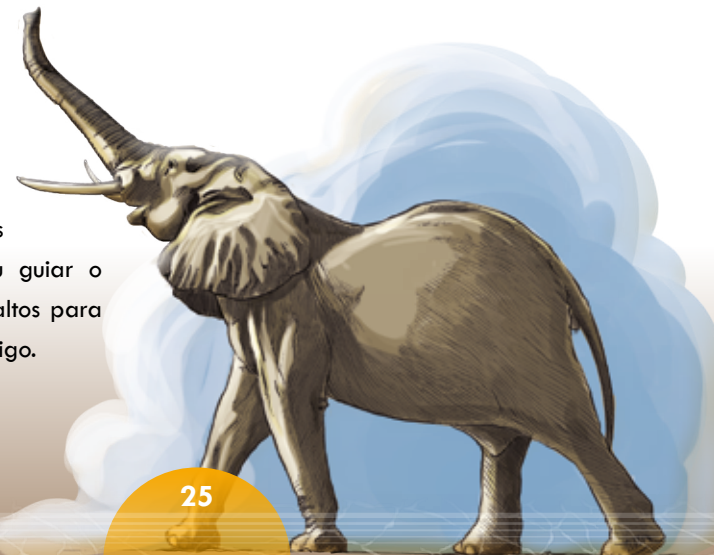
Os machos vivem nos grupos apenas enquanto são jovens. Quando atingem a maturidade sexual vão-se afastando e eventualmente, separam-se para viverem sozinhos, ou para se juntarem a outros machos. Os machos mais velhos, assim como as matriarcas, têm conhecimentos essenciais e ajudam a guiar o grupo de machos, mas os laços masculinos são mais fracos do que os femininos.



Os machos adultos passam pelo *musth*, uma fase em que se tornam agressivos e procuram fêmeas para acasalar, libertando um cheiro forte pelas glândulas da cabeça.



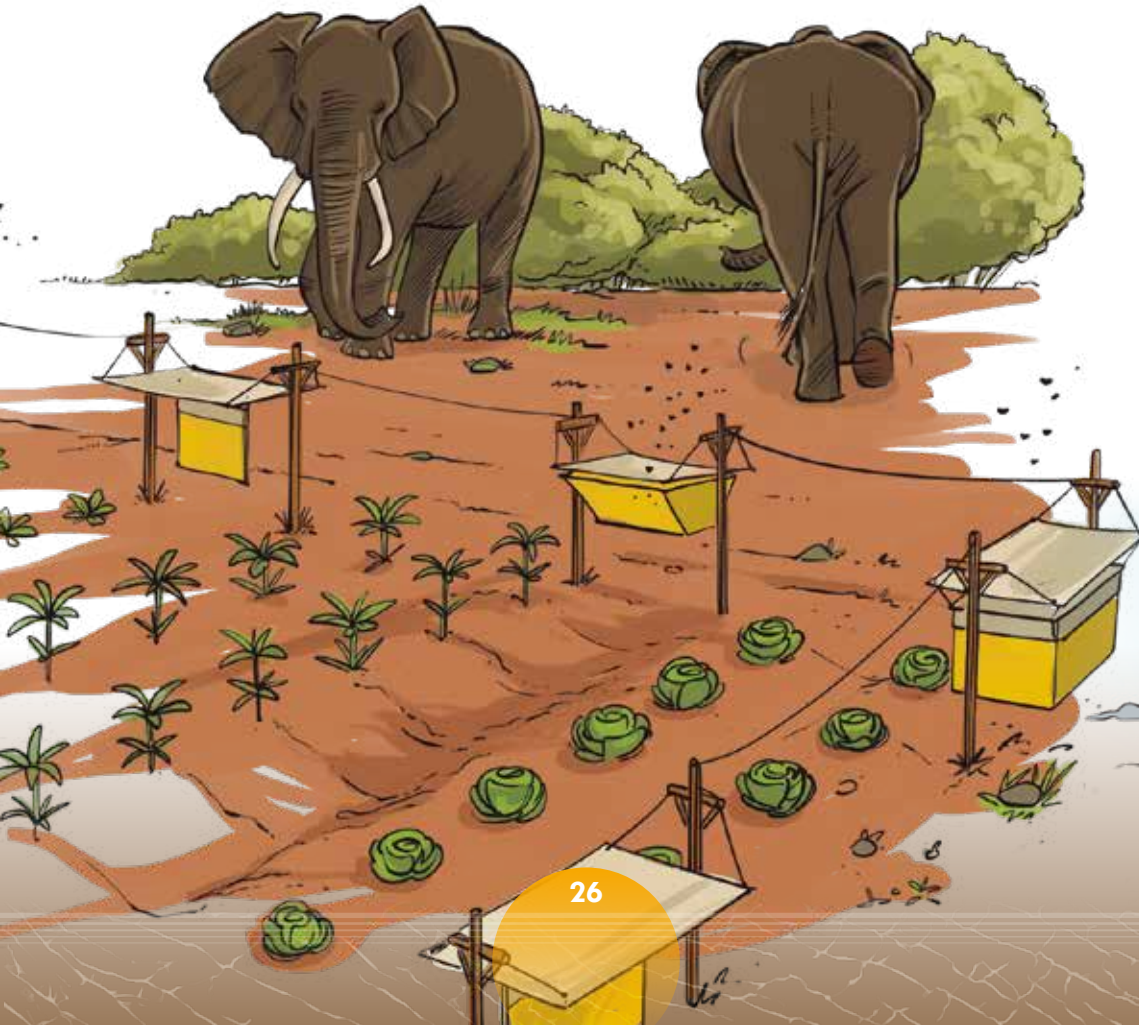
Os elefantes são animais muito sociáveis, e comunicam entre si utilizando vários sons, como ruídos baixos que viajam longas distâncias para sinalizar água ou guiar o grupo, e “trombeteios” altos para mostrar excitação ou perigo.





Também rugem e grunhem quando brincam ou quando estão chateados. Os elefantes expressam os seus sentimentos através da sua linguagem corporal, e os movimentos do tronco, orelhas e cauda podem mostrar as suas emoções. Observando estes sinais, podemos reconhecer a sua linguagem corporal, e assim prever o seu comportamento.

A sua inteligência permite-lhes resolver problemas, como por exemplo usar ramos para espantar moscas ou para se coçarem. Os jovens aprendem com as mães as suas rotas de migração, a localização de fontes de água e outras competências de sobrevivência, como por exemplo lugares ou espécies a evitar. Com a sua excelente memória, os elefantes conseguem relacionar experiências com lugares ou com coisas. Por isso, é possível treiná-los para evitar certas áreas, como lavras e aldeias.

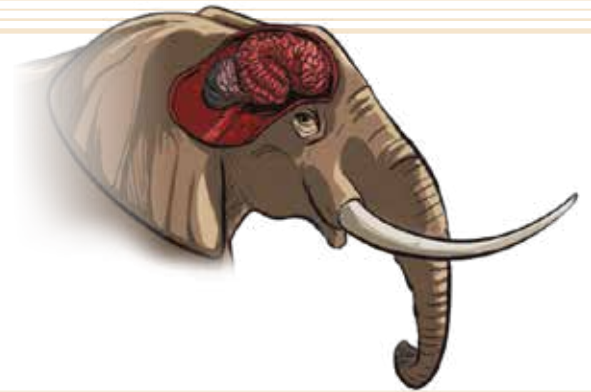


3.1. Cérebros grandes, memórias enormes

Os elefantes são animais muito inteligentes e têm uma memória excepcional. Porquê que se diz que “Os elefantes nunca esquecem”?

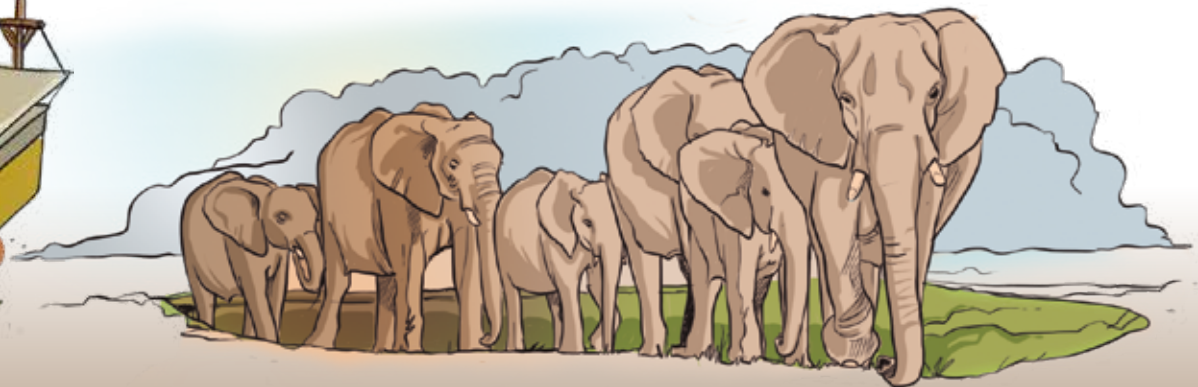
1 – Cérebros grandes

O cérebro de um elefante pode pesar mais de 5 kg — quatro vezes mais do que um cérebro humano! Por isso conseguem lembrar-se de coisas durante várias décadas, aprender novos comportamentos, reter conhecimentos importantes, e sentir emoções.



2 – Inteligência social

Tal como as pessoas, os elefantes vivem em grupos familiares e mantêm-se próximos uns dos outros. Por serem animais sociais, precisam de reconhecer outros elefantes e lembrar-se das relações que têm com eles. Também têm que aprender comportamentos sociais para manter a sua união ao grupo, e assim garantir a sua segurança e sobrevivência.





3 – Memória de sobrevivência

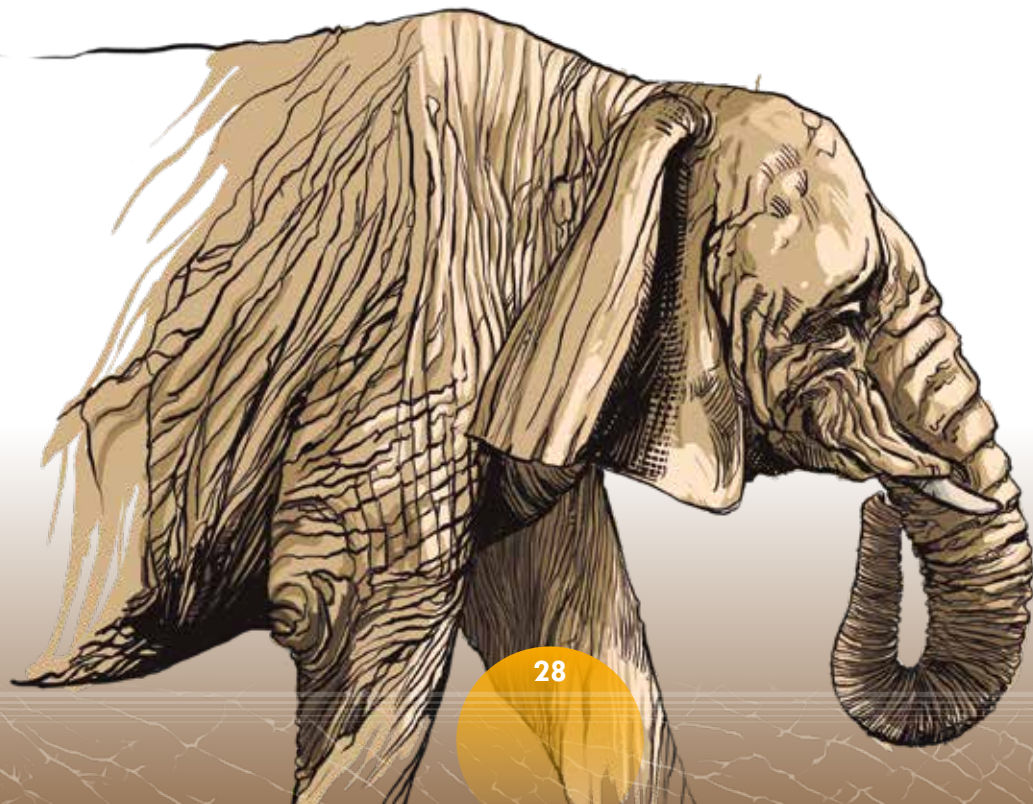
A memória dos elefantes é fundamental para a sua sobrevivência: permite-lhes lembrar por exemplo onde encontrar água, comida, os melhores caminhos para percorrer longas distâncias, e que perigos devem evitar. Isto é especialmente importante para as matriarcas, que guiam os seus grupos para os lugares mais favoráveis consoante as necessidades que enfrentam.

4 – Memória emocional

Devido à sua forte memória e inteligência, os elefantes conseguem sentir emoções como dor, medo, solidão, tristeza, raiva, trauma e até luto pela perda de familiares, mesmo muitos anos depois da morte. Os elefantes conseguem recordar sentimentos, ameaças, situações de perigo, e reconhecer pessoas amigáveis.

5 – Vidas longas

Os elefantes podem viver até aos 70 anos! O seu longo tempo de vida permite-lhes aprender, acumular conhecimento, e ensinar outros elefantes mais jovens.



3.2. Corpos grandes, apetites maiores

Um elefante-da-floresta adulto pode pesar até 5 toneladas! Para sustentarem os seus grandes corpos, precisam de grandes quantidades de alimento e de água. Consomem entre 80 e 300 kg de alimento por dia, passando grande parte do dia a comer, e dormem apenas cerca de duas horas por dia. Preferem alimentos ricos em energia – ou seja, com um grande teor de açúcar, pelo que consomem principalmente frutos. Os elefantes-da-floresta alimentam-se de mais de 100 variedades de frutos diferentes, que amadurecem em lugares diferentes e em distintas épocas do ano, e lembram-se exactamente onde e quando encontrar os frutos certos. Alimentam-se também de cascas de árvores, folhagem, capim, sementes e raízes. Esporadicamente consomem o solo de salinas, que contém sais e minerais cruciais para a sua sobrevivência, podendo fazer migrações de centenas de quilómetros para obter estes suplementos. Para satisfazerem as suas necessidades alimentares, precisam que o habitat forneça estes recursos nas quantidades apropriadas. Quando a floresta é destruída e há falta de recursos no seu habitat natural, os elefantes conseguem cheirar os alimentos das lavras a vários quilómetros de distância. Alguns dos seus vegetais cultivados preferidos são o feijão, a banana e o milho.





3.3. Os sentidos dos elefantes

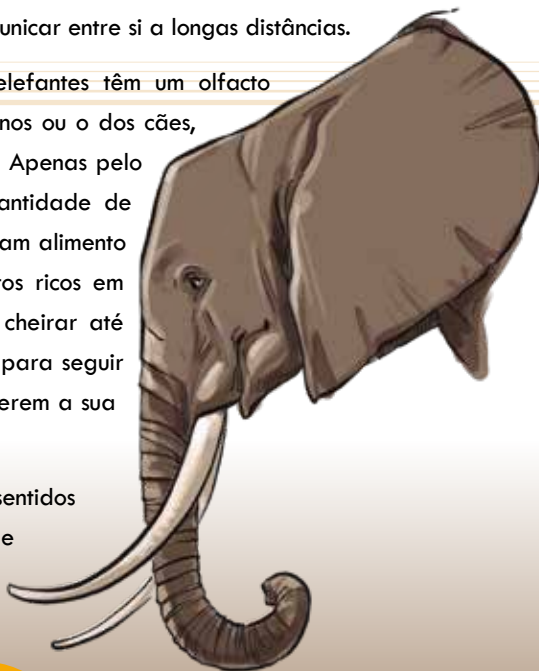
Os elefantes têm sentidos bem apurados, que os ajudam a sobreviver nos lugares em que habitam.

Visão: A posição dos seus olhos dificulta a visão de coisas localizadas muito perto ou atrás do elefante. Os elefantes não vêem muito bem à luz do dia, e só conseguem distinguir duas cores: azul e amarelo. Vêem melhor à noite ou com pouca luz, conseguindo perceber movimentos a até 45 metros de distância.

Audição: Em contraste com a sua má visão, os elefantes têm uma excelente audição, muito importante para a sua sobrevivência. As suas grandes orelhas permitem-lhes ouvir uma vasta gama de sons, de agudos a muito graves, que os humanos não conseguem ouvir. Por exemplo, as tempestades criam ondas sonoras profundas que os humanos sentem apenas como vibrações, mas os elefantes conseguem ouvi-las claramente. Conseguem também sentir vibrações nas patas, o que lhes permite detectar a chuva a quilómetros de distância. A sua excelente audição ajuda-os a manterem-se ligados ao seu grupo, pois conseguem reconhecer-se pela voz e comunicar entre si a longas distâncias.

Olfacto: Graças à sua longa tromba, os elefantes têm um olfacto incrível, muito mais forte do que o dos humanos ou o dos cães, sendo um dos mais potentes do reino animal. Apenas pelo cheiro, os elefantes conseguem saber a quantidade de açúcar presente nos vegetais, e assim encontram alimento na natureza. Os elefantes preferem alimentos ricos em açúcar, como fruta e milho, que conseguem cheirar até 19 km de distância! Também usam o olfacto para seguir rastros, reconhecerem-se uns aos outros, e saberem a sua posição no grupo.

Aprender como os elefantes usam os seus sentidos ajuda-nos a protegê-los e a gerir situações de conflito, garantindo a sua sobrevivência e coexistência com as comunidades humanas.



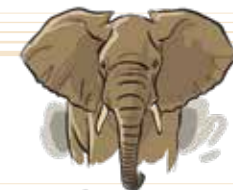
3.4. Sinais de um elefante irritado

É importante compreender e respeitar os elefantes. Com a sua linguagem corporal, eles comunicam muito claramente e dão sinais sobre o seu humor. Perceber como se comportam pode ser uma grande ajuda para evitar situações perigosas. Preste atenção a estes sinais e aprenda a interpretá-los!

1 - Um elefante com a cabeça e a tromba para baixo, emitindo um som de ressonar ou rosnar, está a **avisá-lo para se manter afastado**. Este comportamento geralmente vem de famílias que estão a proteger as crias.



2 - Um elefante com a cabeça baixa e a tromba curvada para dentro, permanecendo em silêncio, está a **preparar-se para atacar**. Isto é muito perigoso e é geralmente observado em machos mais velhos, ou elefantes solitários.



3 - Um elefante com as orelhas bem abertas e a cabeça erguida, **demonstra raiva**. Isto acontece quando este se sente ameaçado, principalmente se houver humanos ou predadores por perto.



4 - Um elefante aflito pode atacar arbustos e levantar poeira, **signal de frustração ou aviso**. Isto acontece geralmente em manadas reprodutoras ou com machos no *musth*.



5 - Os elefantes solitários, como os machos mais velhos, geralmente ficam num único local. Embora sejam geralmente calmos, dê-lhes espaço — se forem provocados, **podem ser imprevisíveis**.



6 - Um elefante a abanar a cabeça pode parecer inofensivo, mas isto é geralmente um **signal de irritação ou incómodo**, especialmente quando as pessoas estão muito perto dele.

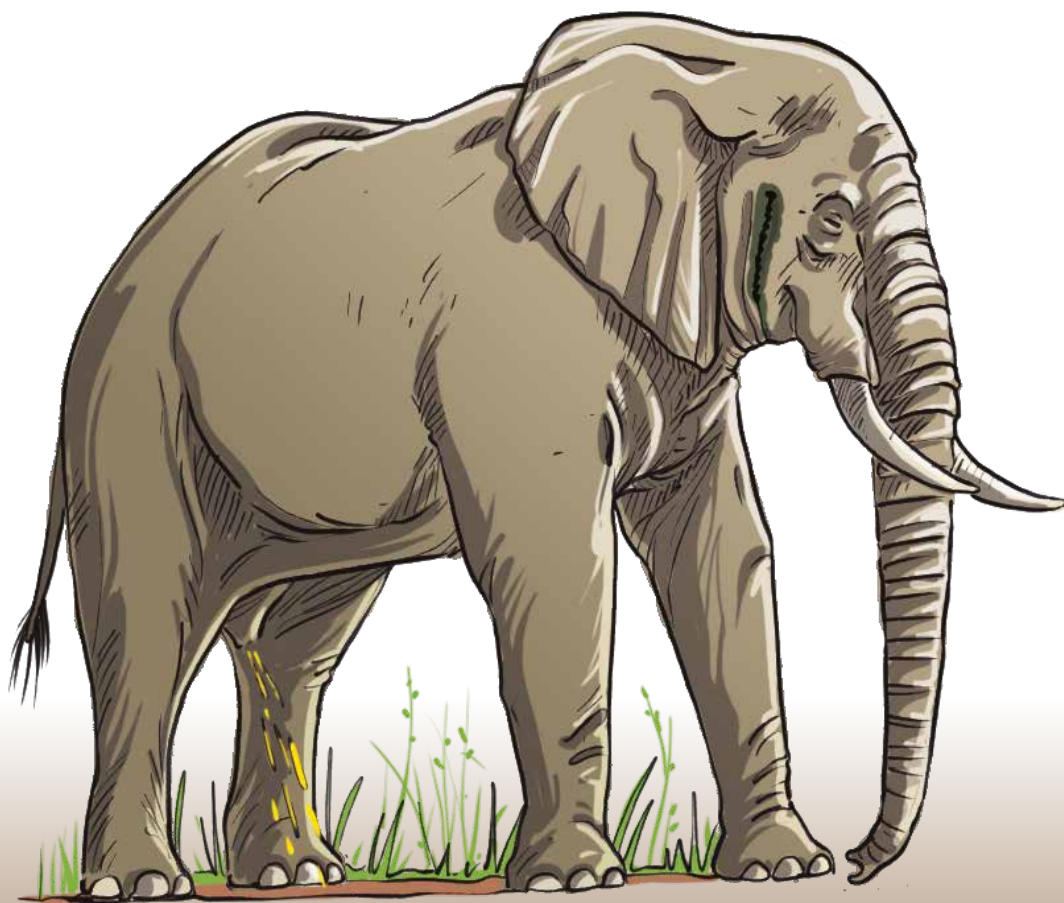




7 - Se um elefante levanta a tromba, está a tentar cheirar o que está à sua volta, porque não viu nem identificou a ameaça. Isto significa que o elefante está **alerta** – mantenha a distância.

8 - Nos grupos reprodutores, as fêmeas são extremamente protectoras das suas crias. Elas **defendem as suas crias ferozmente**, por isso nunca se aproxime delas.

9 - Um elefante macho no *musth* é altamente agressivo. Geralmente têm um líquido espesso a escorrer na cabeça, e urinam muitas vezes. Elefantes neste estado são **extremamente perigosos** – mantenha-se longe.



3.5. Transformando o conflito em coexistência

Dada a sua inteligência e memória, os elefantes conseguem aprender, perceber padrões e entender o que acontece à sua volta. Assim é possível ensiná-los a evitar certos locais, como lavras e aldeias, e transformar o conflito Homem-Elefante (HEC) em coexistência. Para gerir o HEC, vários países africanos usam métodos de prevenção – para evitar encontros entre humanos e elefantes – e métodos de mitigação – para reduzir a intensidade dos incidentes, em caso de encontro entre as duas espécies, ou uma combinação dos dois. Em baixo apresentamos resumidamente alguns métodos.

3.5.1. Métodos de prevenção

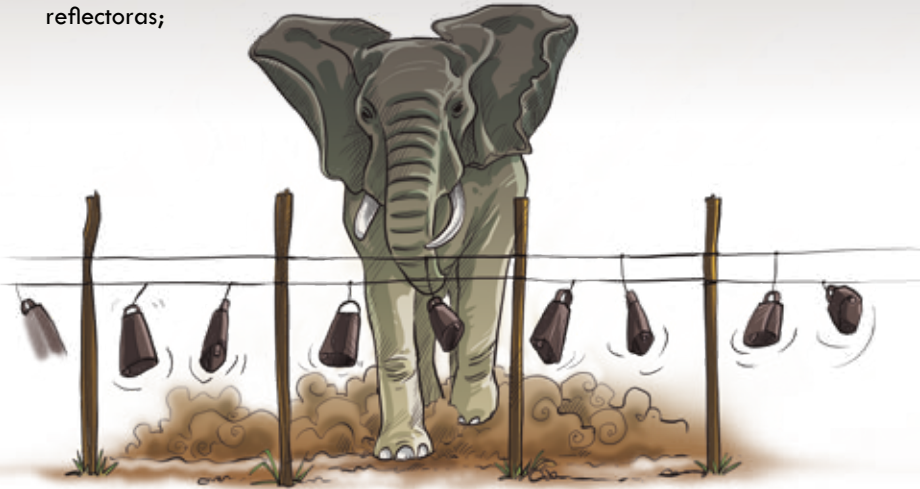
Para evitar o conflito, os métodos de prevenção baseiam-se em ensinar os elefantes a associar a ida às lavras e aldeias a experiências más e desagradáveis, que os incomodem, e que façam com que eles se queiram manter afastados. Há uma grande variedade de métodos, e consistem na criação de barreiras físicas e olfactivas que dificultem o acesso dos elefantes às lavras e aldeias. Alguns exemplos utilizados são:

- Criar barreiras à volta das lavras, por exemplo:
 - o Cordas de sisal com óleo queimado;
 - o Cercas com colmeias ligadas por arame ou sisal;
 - o Cercas com panos com gindungo e óleo queimado;
 - o Vedações eléctricas alimentadas por energia solar.





- Pode-se também associar a estas barreiras objectos que produzam ruídos altos ou luzes intermitentes que afugentem os elefantes, como campainhas e lâmpadas reflectoras;



- Criar uma zona “tampão” com culturas não palatáveis – que os elefantes não gostem de comer (como gindungo, girassol, café, alho, chá de caxinde, beringela, gengibre, pimenta preta, quiabo, limão) à volta das lavras onde estão os vegetais de que os elefantes gostam mais (como milho, banana, feijão, etc.);



- Colocar blocos de gindungo nas lavras. O gindungo é uma forma natural de afastar os elefantes, porque contém uma substância que irrita os seus olhos e tromba;



- Colocar “Buck-Off” – um produto orgânico com mau cheiro que funciona como repelente de elefantes – à volta das lavras;





- Construir uma torre de vigia para detectar a aproximação de elefantes antes da sua entrada nas lavras.



Estes métodos funcionam melhor se forem usados em conjunto. Por exemplo, combinar o tampão de culturas não palatáveis, com uma barreira física ou olfativa em torno da lavra, como cordas com gindungo, luzes intermitentes, vedações de arame ou colmeias, repelente de elefantes, duplicará a eficiência de tornar a lavra o mais hostil possível para os elefantes.

Todas estas alternativas têm mais sucesso se forem organizadas a nível comunitário. Combinar a protecção de uma lavra com a protecção das lavras vizinhas permite partilhar os custos destas barreiras, e criar “lavras colectivas” protegidas, o que diminui os custos e aumenta a vigilância. Às vezes é difícil colaborar entre vizinhos, mas “a união faz a força”. Construir alarmes ou torres de vigilância nos limites destas lavras colectivas

também ajuda a aumentar a consciencialização sobre a aproximação de elefantes antes de eles entrarem nas lavras, e manter as pessoas em segurança enquanto organizam uma resposta à sua chegada. Para ter sucesso na mitigação do conflito, é melhor trabalhar em conjunto!



3.5.2. Métodos de mitigação

São usados quando os elefantes já se encontram nas lavras ou na aldeia, e é preciso afugentá-los para outro local de forma segura para as pessoas e para os animais. Isto pode ser bastante perigoso e não deve ser tentado por pessoas sem experiência ou formação! Para estes casos, foi desenvolvido um kit de mitigação do HEC constituído por lanterna, foguetes e buzinas que assustam os animais com o som que produzem.



Este kit tem como objectivo ensinar os elefantes a responder gradualmente a métodos menos agressivos, reduzindo a necessidade de usar medidas mais caras e arriscadas. Para utilizar este kit é preciso uma formação específica. Para saber mais sobre este kit e outros métodos de gestão do conflito, consultar o [Human-Elephant Coexistence Toolbox](#), com dicas e recomendações para formadores e líderes comunitários. Apesar da existência destes métodos, eles precisam de ser implementados de forma muito consistente para serem efectivos. Por outro lado, estes métodos são mais aplicados para elefante-da-savana do que para o elefante-da-floresta. Até agora um dos métodos mais eficientes para o elefante-da-floresta parecem ser as vedações eléctricas, que estão a ser aplicadas em alguns países.



3.6. Como agir na presença de elefantes?

Quando estamos diante de um elefante ou de um grupo de elefantes, é fundamental saber como agir para salvarmos a nossa vida e a de outras pessoas. Devemos:

- Manter a calma;
- Evitar gritos ou gestos ameaçadores;
- Manter o contacto visual com o elefante e recuar calmamente;
- Não tocar no elefante;
- Nunca usar armas de fogo nem ameaçar o animal;
- Não o encurralar nem bloquear a sua rota de fuga.

Importante lembrar:

- Se o elefante estiver calmo não irá atacar.
- Um animal ferido ou nervoso torna-se perigoso.

Veja também na contra-capa algumas dicas de segurança em caso de encontro com elefantes.





ANEXO – Legislação e Convenções relacionadas com o elefante em Angola

Angola aderiu à Convenção sobre o Comércio Internacional da Fauna e Flora Selvagem Ameaçadas de Extinção (CITES) que proíbe o abate de espécies ameaçadas de extinção. Os elefantes têm sido maioritariamente caçados e mortos por causa do seu marfim. Todas as espécies de elefantes a nível mundial estão catalogadas nos anexos I e II da CITES. A UICN reconheceu em 2021 que o elefante-da-floresta e o elefante-da-savana são duas espécies diferentes de elefante africano. Ambas as espécies estão listadas na Lista Vermelha da UICN, estando o elefante-da-floresta classificado como “**Em perigo crítico**”, e o elefante-da-savana “**Em perigo**”.

Em 2018 foi publicado o Decreto Executivo nº 252/18 de 13 de Julho – Lista Vermelha das Espécies de Angola que é composto por quatro categorias, sendo que os elefantes-da-floresta constam da categoria C – Espécies Vulneráveis (VU).

As Tabelas A1, A2 e A3, que se segue, apresentam uma descrição das Leis, Decretos, Planos e Estratégias que têm sido implementadas para a protecção das espécies de elefante existentes em Angola.

Tabela A1. Leis existentes para a protecção dos elefantes em Angola.

Leis	
Nome	Resumo
Lei nº 5/98 de 19 de Junho – Lei de Bases do Ambiente.	No seu artigo 13 assegura a manutenção e regeneração de espécies animais, recuperação de habitats danificados, controlando em especial as actividades ou o uso de substâncias susceptíveis de prejudicar as espécies da fauna incluindo os elefantes e os seus habitats.
Lei nº 6/17 de 24 de Janeiro – Lei de Base de Florestas e Fauna Selvagem.	No capítulo III, secção I, artigo 16, alínea a) assegura a Protecção da diversidade biológica florestal e faunística e manter os processos ecológicos essenciais à vida e aos sistemas de apoio à vida.
Lei nº 8/20 de 16 de Abril – Lei das Áreas de Conservação Ambiental.	Protege os elefantes e seus habitats, situados nas Áreas de Conservação ambiental.



Tabela A1. Leis existentes para a protecção dos elefantes em Angola.

Leis	
Nome	Resumo
Lei nº 9/04 de 9 de Novembro – Lei de Terras.	No seu artigo 16 assegura que a ocupação, o uso e a utilização das terras estão sujeitos às normas sobre protecção do ambiente, designadamente as que dizem respeito à protecção das paisagens e das espécies da flora e da fauna, preservação do equilíbrio ecológico e ao direito do cidadão a um ambiente sadio e não poluído.

Tabela A2. Decretos sobre a protecção dos elefantes em Angola.

Decreto	
Nome	Resumo
Decreto Executivo Conjunto nº 201/16 de 26 de Abril.	Neste decreto constam na Tabela 2 na taxa que é comprada em termos de multa se alguém for encontrado com carne de elefante têm de pagar 6.960 Valor da Unidade de Correção Fiscal (UCF) o que equivale a (Kz 612.480).
Decreto Executivo nº 252/18 de 13 de Julho – Lista Vermelha das Espécies de Angola.	Na qual lista as espécies da fauna e flora que se encontram em algum risco ou perigo de extinção, razão pela qual gozam de protecção.
Decreto Executivo nº 469/15 de Julho - visa regular a prática e actos concernente ao abate de espécies protegidas da fauna e flora em todo o território nacional.	Proíbe o abate, em território nacional, das espécies presentes nos Anexos I e II da Convenção.



Tabela A3. Estratégias e Convenções existentes sobre a protecção dos elefantes em Angola.

Estratégias	
Nome	Resumo
Estratégia Nacional e o Plano de Acção da Biodiversidade 2019-2025.	Garante a protecção e conservação da biodiversidade incluindo dos elefantes.
Estratégia Nacional de Educação Ambiental para o Período de 2022-2050.	Asseguram no seu objectivo geral da alínea a) para fortalecer os mecanismos de diálogo entre os Órgãos da Administração do Estado e a sociedade civil, sobre o futuro do País em matérias de protecção ambiental.

Convenções	
Nome	Resumo
Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB).	Ratificada e assinada a 4 de Julho de 1997, contém obrigações a nível nacional.
Convenção de Bona - Convenção sobre a Conservação de Espécies Migratórias (CMS).	Assinada em Bona em 23 de Junho de 1979, tem como objectivo a conservação das espécies migratórias em toda a sua área de distribuição, e dos respectivos habitats.
Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagem Ameaçadas de Extinção (CITES).	Angola tornou-se membro a 1 de Abril de 1998. Inclui todas as espécies de elefantes nos seus anexos I e II, proibindo o seu comércio a nível internacional.



Bibliografia

Berzaghi, F., Longo, M., Ciais, ..., & Doughty, C. E. (2019). Carbon stocks in central African forests enhanced by elephant disturbance. *Nature Geoscience*, 12(9), 725-729.

Cavaleca, I. J. (2021). Análise da Distribuição Geográfica da População de Elefantes-da-floresta (*Loxodonta cyclotis*) na região do Bengo e Cuanza-Norte versus pressão antrópica. Dissertação de Fim de Curso. Universidade Agostinho Neto. Luanda, Angola. 96pp.

Cuco, E. S. (2011). Conflito Homem Fauna Bravia: Caso do Parque Nacional do Limpopo. Dissertação de Mestrado. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, Moçambique. 100pp.

Fahrig, L. (2003). Effects of habitat fragmentation on biodiversity. *Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics*, 34(1), 487-515.

Fernando, P. (2020). Guide for implementing community-based electric fences for the effective mitigation of human-elephant conflict. Relatório não publicado. Centre for Conservation and Research. Tissamaharama, Sri Lanka. 103pp.

Frade, F. (1995). *Annual Review of Ecology, Evolution and Systematics*, 34: 487-515.
Huntley, B. J., Vladimir, R., Lages, F. & Ferrand de Almeida, N. (2019). Biodiversidade de Angola – Ciência e Conservação: Uma Síntese Moderna. Editora Ciência e Arte. Porto, Portugal. 703pp.

IIED. (2025). Human-elephant conflict handbook: a guide to crop protection from elephant raiding. International Institute for Environment and Development. . Cartilha não publicada. Honeyguide. Arusha, Tanzania. 32pp.

IUCN. (2025). The IUCN Red List of Threatened Species. Versão 2025-1. <https://www.iucnredlist.org>. Consultado a 24 de Junho de 2025.



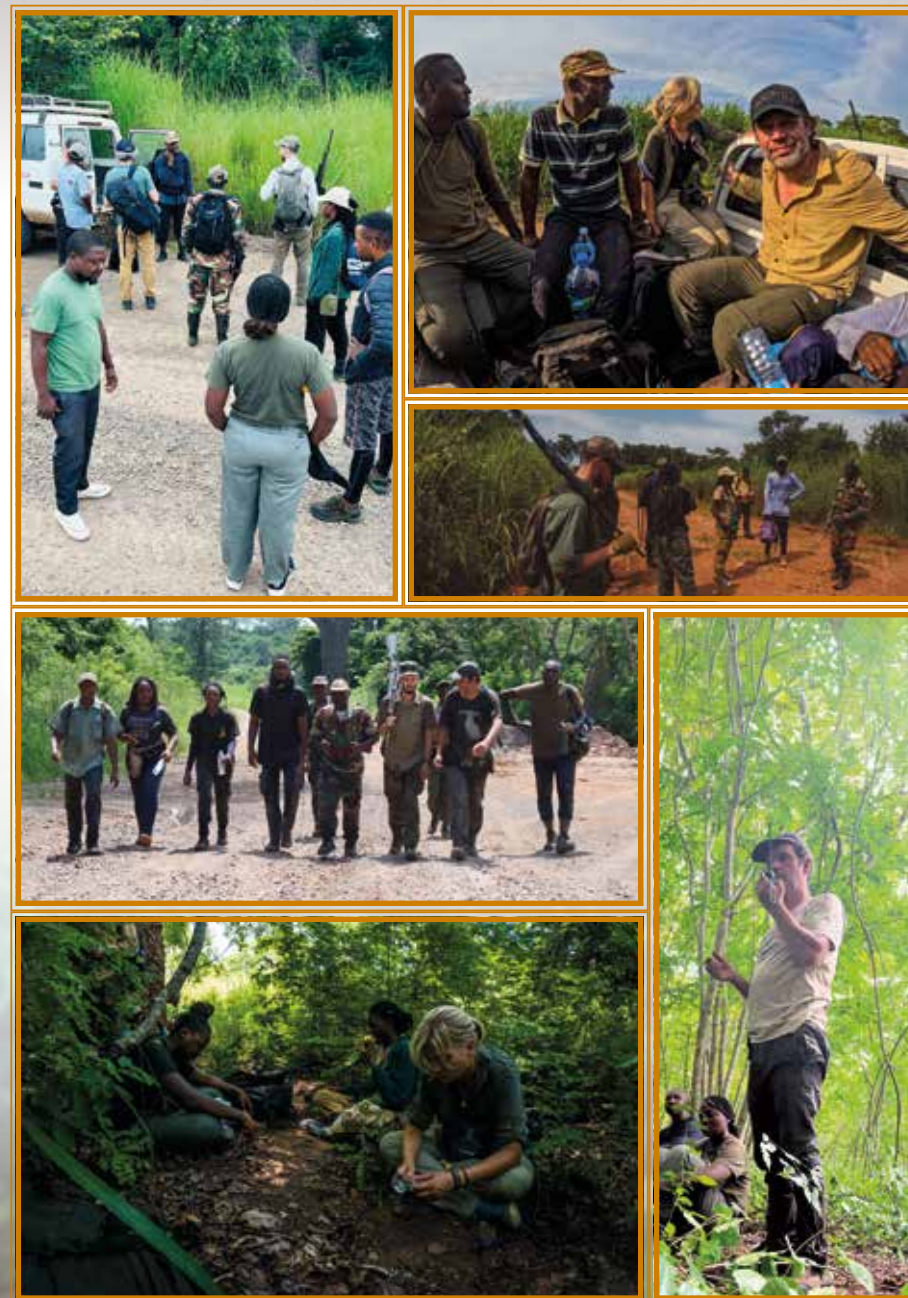
King, L., Raja, N., Kumar, M. & Heath, N., (2022). Save the Elephants' HEC Toolbox, English Edition. Cartilha não publicada. Nairobi, Kenya. 162pp.

MINAMB. (2016). Relatório do Workshop sobre Desenvolvimento do Plano de Acção Nacional do Elefante. Relatório não publicado. Ministério do Ambiente. Luanda, Angola. 17pp.

MINAMB. (2019). Estratégia Nacional e Plano de Acção da Biodiversidade 2019-2025 (NBSAP). Relatório não publicado. Ministério do Ambiente. Luanda, Angola. 52pp.

Save the Elephants. (2024). 10 Steps to Turn Human-Elephant Conflict Into Coexistence. Cartilha não publicada. Save the Elephants. Nairobi, Quênia. 16pp.

Thomas, O. & Wroughton, R. C. (1905). On a second collection of Mammals obtained by Dr. W. J. Ansorge in Angola. Annals and Magazine of Natural History Series 7, 16, 169-178.



Dicas de segurança em caso de encontro com elefantes

Estas dicas irão ajudá-lo a manter-se seguro durante um encontro com elefantes.



Os elefantes machos solitários podem ser muito agressivos.



Evite os elefantes durante a época de acasalamento.



Tenha cuidado e atenção quando os elefantes trombeteiam ou fazem muito barulho.



Nunca utilize cães para expulsar elefantes para fora de lavras ou aldeias.



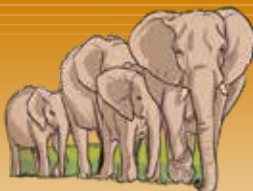
Evite manadas de machos solteiros, e mantenha uma distância segura.



Mantenha uma distância de no mínimo 10 a 15 metros quando utilizar uma lanterna para procurar um elefante durante a noite.



Evite fazer barulho até saber onde estão os elefantes.



Nunca fique atrás de crias de elefantes, pois isso irá irritar os adultos.



Não beba álcool quando tiver de afastar elefantes para fora das lavras.



Elephant
Crisis
Fund



SAVE THE ELEPHANTS



ISBN



9 789899 844513